

LINGUASAGEM

O ETOS E O PATOS DA MULHER NO ROMANCE *A LETRA ESCARLATE*: UM OLHAR PELA FILOSOFIA DA LINGUAGEM DO CÍRCULO DE BAKHTIN E PELA RETÓRICA DE ARISTÓTELES

Hacmone Barbosa FERREIRA¹
Antonio Flávio Ferreira de OLIVEIRA²

Resumo

Este trabalho objetiva investigar a construção discursiva do caráter e das paixões da mulher no romance *A letra escarlate*. Para tanto, está fundamentada nos conceitos de etos e patos da Retórica de Aristóteles, bem como nos da Filosofia da Linguagem do Círculo de Bakhtin. Metodologicamente, o estudo foi conduzido pelas diretrizes da pesquisa qualitativo-interpretativista e do Método Sociológico. O *corpus* consta de fragmentos retirados dos capítulos 2, 3, 4 e 18 do romance. Como resultado, concluímos que, discursivamente, o etos da mulher é construído tanto pelas valorações puritanas como por outras de ordem mais moderna, que constituem o caráter da personagem. Quanto ao patos, a imagem é criada para ressaltar o conjunto de sentimentos marcados pelo amor, medo, culpa e compaixão.

Palavras-chave: Etos; Patos; Filosofia da Linguagem do Círculo de Bakhtin; Mulher.

Abstract

This work aims to investigate the discursive construction of passion and character of the women's image in the romance *The Scarlet Letter*. Thus, it is grounded on ethos and pathos concepts from Aristotle's Rhetoric, as well as on the Bakhtin's Circle Language Philosophy. Methodologically, this study was established by the support of a qualitative-interpretative research and the Sociological Method. The *corpus* consisted of fragments of chapters 2, 3, 4 and 18 in the romance. As a result, we concluded that, discursively, the women's ethos is constructed either by puritan valuations or by others more modern that form the women character. In terms of pathos, the image is created to stand out the complex of feelings characterized by love, fear, fault and compassion.

Keywords: Ethos; Pathos; Bakhtin's Circle Language Philosophy; Woman.

Introdução

Neste trabalho³, investiga-se o modo como são enunciados o caráter e as paixões da mulher no romance *A letra escarlate*. Para tanto, objetiva-se compreender como

¹ Graduada em Letras/Língua Inglesa pela Universidade Estadual da Paraíba. Endereço de e-mail: hacmoneavelino77@gmail.com.

² Doutor em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba. Professor do Departamento de Ciências Sociais Aplicadas e Humanas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido. Endereço de e-mail: antonio.flavio@ufersa.edu.br.

³ Este artigo, com algumas mudanças e ampliações, representa um delineamento do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação, apresentado, no ano de 2019, ao Departamento de Letras da Universidade Estadual da Paraíba.

acontece a construção de atos discursivos em que se reflete e se refrata a imagem feminina mediante a determinação dos contextos sócio-histórico e cultural. Para fundamentar essa investigação, foi abordada a Retórica de Aristóteles, a saber, Aristóteles (2013); pelo fato de que essa vertente teórico-filosófica fundamenta o exame dos elementos do etos e do patos, sendo esses os meios pelos quais os sujeitos, discursivamente, são construídos em caráter e em sentimento.

Ademais, a investigação se sustenta pela ótica da Filosofia da Linguagem do Círculo de Bakhtin (FLCB - doravante), nas particularidades de Bakhtin (2010, 2011, 2015), Volochínov (2013) e Volóchinov (2017). Essencialmente, pelo fato de estabelecer um suporte teórico-metodológico para estudar a carga dialógica que se reflete na subjetividade da mulher, no caso deste trabalho. De modo particular, pelo arcabouço dessa vertente de estudo da linguagem, serão averiguados os fatores sócio-ideológicos que, no plano discursivo, influenciam na construção do sujeito-mulher constituído individual e coletivamente. Dessa maneira, isso estaria relacionado com a verificação dos feixes valorativos atribuídos ao papel da mulher na sociedade, na família, na economia, na igreja etc. Assim, o estudo é dirigido pela orientação da seguinte pergunta: como, no Romance *A letras escarlata*, é construída a imagem da mulher quanto a seu caráter e suas paixões?

Metodologicamente, a pesquisa tem caráter qualitativo-interpretativista. Nesse sentido, pretende-se discutir os aspectos sociais que dizem respeito às relações interacionais entre sujeito, ideologia, historicidade e cultura. Em particular, focou-se na relação da mulher com a determinação do seu modo de vida numa sociedade puritana. Assim, ao analisar-se isso, no romance *A Letra Escarlata*, discute-se, a partir do ponto de vista do Método Sociológico do Círculo de Bakhtin e da Retórica de Aristóteles, a discursividade da influência que o meio social tem na construção da imagem da mulher. Para tanto, o *corpus* se constitui dos capítulos 2, 3, 4 e 18 de *A Letra Escarlata* e, desse modo, em nosso recorte, observou-se a construção discursiva da imagem da mulher (na personagem Hester Prynne) pela ordem das seguintes categorias: (1) o etos e o patos da mulher casada; e (2) o etos e patos da mulher pecadora.

Em relação à organização do artigo, no primeiro momento, são discutidas as fundamentações teóricas que serviram de base para a análise dos fatos discursivos. Desse modo, apresentamos os conceitos pertinentes, tais quais os da Retórica de Aristóteles e os da FLCB, que, juntos, nos conduziram a resultados significativos. Ademais, no segundo momento, analisamos como se deu a construção discursiva do caráter e das

paixões da mulher, a partir dos conceitos do Círculo de Bakhtin e da Retórica de Aristóteles. Por fim, nas Considerações Finais, realizamos um resumo geral e comentamos, de modo concludente os principais pontos da pesquisa.

Etos, patos e linguagem em perspectiva dialógica

Ao agir em sociedade, o ser humano, conforme postulam Bakhtin (2011) e Volochínov (2013), interage com o outro nos diversos lugares sociais. A partir do seu modo de vida, o sujeito constrói-se, adquirindo valores oriundos da interação nas esferas sociais. Sendo assim, uma vez que esses valores refletem-se no fio da subjetividade, tudo isso corrobora para que sejam realizados propósitos comunicativos, em atividades que objetivem convencer e persuadir o outro.

Nesse sentido, Aristóteles (2013) e Volochínov (2013) defendem que esse outro, o nosso auditório ou (in)terlocutor, nas perspectivas desses filósofos, correspondem, usando uma metáfora, ao *lugar-ser* de orientação para a formulação do nosso dizer. No primeiro ponto de vista, a alteridade está relacionada com a orientação em nossas atitudes responsivas (BAKHTIN, 2011). No segundo, conforme Aristóteles (2013), concerne à orientação da produção discursiva perpassada pelas paixões humanas, pela construção discursiva do caráter e pela lógica na formulação do pensamento.

Aristóteles (2013), por um lado, postulou que as técnicas que podem ser usadas para o convencimento são estabelecidas pela argumentação demonstrada pelo logos; isto é, pela formulação de um discurso constituído de elementos racionais, como por exemplo, as provas testemunhais, o aparato legal e a construção de silogismos. Por outro lado, esse filósofo também defendeu a construção da argumentação pelas vias da persuasão, ou seja, pela formulação discursiva carregada de elementos das paixões humanas (o patos), bem como pelo atravessamento das impressões do caráter humano no fio do discurso (o etos) (ARISTOTELES, 2013).

Em se tratando desses meios para convencer ou persuadir alguém, Aristóteles (2013) entendeu que a felicidade constitui um preceito que determina o alcance de um fim. Sendo assim, concebeu que “todo aconselhamento a fazer ou não fazer coisas tem a ver com a felicidade, com suas partes constituintes e com aquilo que para ela contribui ou que a ela se opõe” (ARISTÓTELES, 2013, p. 60). Dessa maneira, a relevância do valor da felicidade na construção discursivo-argumentativa, ao nosso ver, está

intrinsecamente relacionada com o objetivo pretendido a se alcançar, visto que, como propõe Aristóteles (2013), pode refletir tonalidades que demonstram:

bom berço, muitos amigos, amizade de pessoas de bem, riqueza, filhos bem construídos, muitos filhos, uma velhice feliz – ao que se deve juntar qualidades físicas como a saúde, a beleza, o vigor, uma avantajada compleição, a capacidade atlética, juntamente com boa reputação, honra, boa sorte, virtude ou ainda as partes desta, a saber, a prudência, a coragem, a justiça, o autocontrole (ARISTÓTELES, 2013, p 60).

No aspecto da construção discursiva convencível-persuasiva, o uso das tonalidades que se refletem na valoração da felicidade pode ser concebido como uma tática comunicativa para tanto enfatizar índices de valores que despertam respostas emotivo-afetivas como para atestar comportamentos relativos ao caráter de alguém. No caso da relação entre a felicidade e o fazer discursivo, para se alcançar o efeito esperado, em Aristóteles (2013, p. 60), assevera-se que “devemos fazer tudo que gera ou amplia a felicidade ou alguma parte desta, ao passo que não devemos fazer tudo o que destrói, obsta a felicidade ou dá origem ao seu oposto”.

No horizonte da valoração do caráter, na formulação discursiva, conforme observamos na Retórica de Aristóteles, podem ser refletidos os índices de oposição da virtude e do vício, e do nobre e do vil (cf. ARISTÓTELES, 2013). De modo especial, isso pode ser utilizado como “os meios que tornam as outras pessoas dignas de sua confiança” (ARISTÓTELES, 2013, p. 42 – 43), ou não. Desse grande conjunto de valores positivos, como no plano da virtude e da nobreza, podem ser gerados subconjuntos, como “a justiça, a coragem, a moderação, magnificência (a grandeza de alma), a generosidade, a brandura, a prudência e a sabedoria” (ARISTÓTELES, 2013, p. 43).

No âmbito das paixões, Aristóteles (2013) apresentou alguns dos sentimentos que podem ser usados para gerar efeitos de sentidos na construção discursivo-argumentativa. Assim sendo, podem ser demonstrados os seguintes:

(i) o medo, “como uma forma de padecimento ou perturbação gerada pela representação de um mal vindouro de caráter destrutivo ou penoso” (ARISTÓTELES, 2013, p. 137);

(ii) o pudor, “como uma forma de aflição ou perturbação gerada por ações deploráveis capazes de nos desonrar” (ARISTÓTELES, 2013, p. 142);

(iii) a benevolência, “o sentimento por força do qual alguém que dispõe de recursos presta ajuda àqueles que passam privações, não na expectativa de qualquer

proveito para si em retribuição, ou alguma vantagem pessoal” (ARISTÓTELES, 2013, p. 148);

(iv) a compaixão, “um sentimento doloroso gerado por um mal aparente capaz de nos aniquilar ou de nos afligir, mal esse que atinge alguém que não merece ser por ele atingido; (ARISTÓTELES, 2013, p. 149).

No que diz respeito ao caráter, Aristóteles (2013, p. 161) estabeleceu que existem alguns tipos “do ponto de vista das paixões das disposições, das idades e das sortes”. O filósofo ainda afirmou que:

Chamo de paixões a cólera, o apetite e todas as emoções de idêntica natureza às quais já nos referimos. Por disposições entendo as virtudes e os vícios. As idades são a juventude, a idade madura e a velhice. Por sorte entendo a origem nobre, a riqueza, o poder e seus opostos – em resumo, a boa sorte e a má sorte” (2013, p. 161).

Uma vez que discorremos sobre os pontos de vista conceituais concebidos na Retórica de Aristóteles, que consideramos fundamentais para este estudo; doravante, queremos apresentar alguns conceitos do campo teórico da FLCB, com a finalidade de discutir a relação entre língua/linguagem/discurso/enunciado/gênero com a argumentação; especialmente, para verificarmos o modo de atuação do convencimento e da persuasão na teia do discurso literário.

A começar pela concepção de linguagem, o Círculo de Bakhtin, em Volochínov (2013) e Volóchinov (2017), entende que esta compreende o conjunto de elementos linguísticos e sociais que compõe o diálogo humano. Ou seja, à luz dessa filosofia, constitui, pela interação, a concretização de um processo contínuo entre um falante, um ouvinte e toda a carga sócio-valorativa que o integra. Caracteriza-se como um meio vivo, sujeita a variações sociais, de acordo com o tempo e não de modo engessado, com regras permanentemente fixas (VOLOCHÍNOV, 2013).

Nesse sentido, ainda conforme Volchínov (2013) e Volóchinov (2017), é através desse modo de interação verbal que podemos pensar na ideia de língua enquanto um sistema sócio-linguístico em permanentes mudanças, visto que compreende os diferentes usos de linguagem, que se materializam em diferentes formas de enunciados. Destarte, concordando com Volóchinov (2017), inferimos que a língua é um produto interacional que serve para nossas necessidades comunicativas no meio social.

Nesse caso, ao pensar a dialogicidade como uma condição para a existência da língua/linguagem, como propõe Bakhtin (2015), significa atentar para o fato de que, no sistema linguístico, é refletido um conjunto apreciativo marcado por índices de valores

que emanam das camadas sociais, bem como de suas representações histórico-culturais. É desse ponto de vista que origina-se a concepção de flexibilidade e atualidade constante no todo do sistema socioideológico.

Em vista da relação língua/linguagem, nesse tom dialógico, a palavra instaura o meio material pelo qual nós podemos construir o diálogo com o outro. Nesse caso, Volóchinov (2017, p. 205) afirma que “toda palavra serve de expressão ao um em relação ao outro”; que “na palavra, dou forma a mim mesmo do ponto de vista do outro” Volóchinov (2017, p. 205) e que “a palavra é uma ponte que liga o eu ao outro” Volóchinov (2017, p. 205). De acordo com Volochínov (2013, p. 77), “a palavra na vida, com toda evidência, não se centra em si mesma. Surge da situação extraverbal da vida e conserva com ela o vínculo mais estreito”. Nesse caso, é através da atividade discursiva, nos lugares sociais, que nos relacionamos com o outro.

No entendimento de que a palavra se constrói das orientações sociais, em Volochínov (2013, p. 77), observamos que “a vida completa diretamente a palavra, que não pode ser separada da vida sem que perca seu sentido”. De fato, o autor evidencia o conjunto de valores que preenche a palavra. Para tanto, considera essencial o que chama de “situação extraverbal da enunciação” Volochínov (2013, p. 77), o que se compõe de: (i) “um horizonte espacial compartilhado” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 78); (ii) “o conhecimento e a compreensão comum” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 78); e (iii) a “valoração compartilhada” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 78).

Diante disso, é importante ressaltar que a palavra é preparada para ser dita socialmente, de modo organizado, sistematizado e flexível, como é expresso em Bakhtin (2011). Na verdade, como pensa esse filósofo, é arranjada pela determinação dos gêneros do discurso, que são “os tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2011, p. 262). Nesse sentido, ao cogitarmos a palavra alinhada no romance, destacamos o que asseverou Bakhtin (2011), quando afirmou que este é concebido pela construção da sua estilística, temática e composição. Isso aponta para uma produção sócio-discursiva que se atualiza pela ordem do lugar, do tempo e dos interesses interacionais dos (inter)locutores.

O etos e o patos da mulher casada no romance

Como vimos em Aristóteles (2013), o etos representa o conjunto valorativo referente aos elementos do caráter do ser humano. Considerando isto, discursivamente, podemos perceber, na obra de Hawthorne, que o casamento e a construção da família

concebiam uma das virtudes do caráter da mulher adulta. Conforme indica o contexto da obra, essa característica era uma determinação dos costumes impostos pela esfera religiosa.

Desse modo, para que a mulher desempenhasse adequadamente esse papel, ela precisaria ter as qualidades que Aristóteles (2013) classificou como índices de valores da paixão, da disposição, da idade e da sorte. Especificamente, isso era refletido no seu caráter, quando ela seguia a linha da obediência, da compreensão, da amabilidade, da beleza etc. De modo geral, como foi preconizado em Volochínov (2013), quando enfatizou o horizonte espacial compartilhado, a compreensão comum e a valoração compartilhada, essa característica exigida socialmente para o comportamento da mulher adulta equivalia, coercitivamente, aos padrões históricos de exigências da sociedade puritana.

Para ilustrar alguns desses aspectos, observemos o Enunciado 1, que trata de valores relacionados à mulher submissa.

Enunciado 1

[...] talvez enxergasse naquela bela mulher, tão graciosa em aparência e postura, e com uma criança junto ao peito, uma imagem que lembraria a Madona [...] (HAWTHORNE, 1850 [2011], p.70).

De acordo com os postulados de Aristóteles (2013), podemos presumir que a submissão, em consonância com os princípios da sociedade puritana, está relacionada com o que o filósofo considerou como valores de virtude e de nobreza. Na FLCB, Volochínov (2013), ao tocar na questão dos índices valorativos que impregnam a palavra ou/e os atos, chamou a atenção para um agrupamento de valores que ele denominou de apoio coral. Atentando para isso, no Enunciado 1, pode-se perceber tons apreciativos que refratam, na mulher, beleza, graça, postura e inocência – isso tudo refletido na imagem da Madona. Portanto, no plano da obra de Hawthorne, podemos considerar que o termo *bela mulher* se refere ao conjunto de valores que compõem tanto o caráter quanto a beleza física da personagem feminina.

Na narrativa de Hawthorne, ao que nos parece, a mulher submissa, em primeiro lugar, devia sua obediência a Deus, seguir seus mandamentos e cumprir seu papel, de acordo com os ritos estabelecidos pela comunidade. Em segundo lugar, sua submissão era restrita a um único homem – o seu marido, a quem devia amar e cuidar. Desse modo,

a imagem da esposa virtuosa, no que tange à submissão, constituía um gesto de coerência para com o cumprimento dos ditames da sociedade puritana. Em decorrência disso, a importância da beleza espiritual, nesse cenário, é o que caracteriza a personagem como uma figura de respeito. Em contrapartida, tal mulher não seria bela, caso seu comportamento não correspondesse às regras sociais estabelecidas.

A respeito da valoração da beleza, na sociedade puritana, como pôde ser visto na obra de Hawthorne, existiam algumas vantagens, especialmente, concernentes à aceitação patriarcal. Decorrente disso, a essas mulheres era atribuído o respeito comunitário, simplesmente pelo fato de estarem de acordo com as normas daquela sociedade. Assim, como entendemos, mediante à luz de Volochínov (2013), o apoio coral de valorações entre a beleza física e a beleza moral contribuía para que a personagem feminina fosse categorizada no plano amplo da virtude da beleza – isso seria um elemento fundamental para a constituição ética do ser-mulher adulta.

No âmbito da composição ética, para a sociedade puritana da época, a postura de decoro das mulheres constituía um elemento preponderante para a construção do seu caráter. Nesse sentido, o etos da boa esposa estabelecia o conjunto de virtudes que refletia tonalidades da imagem angelical, da serva de Deus, da mãe respeitosa e dedicada. Isso, mais uma vez, corrobora o conjunto valorativo pelas refrações de virtude da Madona.

Desse modo, ao observarmos a constituição ética da personagem, percebemos que os fatores sócio-históricos da época são elementos basilares para a compreensão do caráter da mulher. Sendo assim, os elementos argumentativos que o autor constrói, discursivamente, no romance, contribuem de maneira significativa para apresentar, na narrativa, a tomada de decisões e, conseqüentemente, seu comportamento.

Atentemo-nos para o Enunciado 2:

Enunciado 2

“Guardarei teu segredo, assim como guardo o dele”, disse Hester. “Jura”, ele insistiu. E ela jurou.
(HAWTHORNE, 1850 [2011], p. 91).

Ainda em relação à construção discursiva do etos da personagem, o *Enunciado 2* aponta para a imagem da *mulher fiel* como, no dizer de Aristóteles (2013), uma virtude e um elemento de nobreza, uma valoração feminina primordial para a época. Nesse caso, primeiramente, a mulher deveria ser fiel a Deus e obedecê-lo e, em segundo lugar, atentar

para seu marido, pois cuidar também era um mandamento divino. Dessa forma, conforme podemos observar na obra de Hawthorne, Hester, apesar de ter cometido adultério, foi fiel na promessa de manter o segredo do marido.

Observando a questão à luz da compreensão de Aristóteles (2013), a concepção de fidelidade vista no *Enunciado 2* apresenta mais uma característica da mulher casada. Nesse caso, a virtude da fidelidade significava ter compromisso com o outro, assumir a responsabilidade por determinado fato, ser verdadeiro e honesto ao propósito com o qual concordou. Assim, nesse enunciado, notamos a discursivização da fidelidade da personagem ao fazer um juramento ao marido. A partir disso, como vimos em Aristóteles (2013), a respeito da construção do caráter, através da interação entre o orador, o ouvinte e o assunto, podemos perceber que é nesse momento em que há a reflexão do sentimento valorativo da confiança, quando ela (a mulher) diz: *guardarei teu segredo, assim como guardo o dele, jura, ela jurou.*

Mediante isso, a respeito do ato de jurar, podemos apontar para a esfera religiosa em que Hester Prynne estava inserida. Para os puritanos, o ato de jurar estava relacionado com o comprometimento e com o cumprimento de determinado evento. O comprometimento com o pedido também aponta para a fidelidade; ou seja, ser fiel ao que falou e ao que prometeu. Portanto, podemos perceber que as vozes discursivas que entoam sentidos de juramento consolidam o modo de enunciação para criar a imagem da personagem como um ser construído discursivamente como participante de uma comunidade puritana que está unida entre suas leis religiosas e suas políticas.

De modo geral, o *Enunciado 2*, conforme observamos pela ótica de Volochínov (2013), aponta para um apoio coral de valores da esfera religiosa, que os sujeitos usam como base para dar seguimento ao seu estilo de vida. Tal situação promove, nesse contexto, mediante os elementos históricos e culturais, as valorações que constituem o caráter feminino; que, como propõe Aristóteles (2013), são a submissão, a honra, o pudor a fidelidade etc. Portanto, o *Enunciado 2* institui o efeito da valoração que é atribuída à personagem feminina; ou seja, as características importantes que compõem o caráter da mulher fiel; dentre as quais, podem-se destacar o comprometimento, a sinceridade e a integridade.

A última constatação a respeito da imagem da mulher casada se estabelece no *Enunciado 3*, que, por sua vez, compreende o que chamamos de *etos* da mulher honrada. Vejamos:

Enunciado 3

“[...] nossos juizes de Massachusetts, tendo em conta que se trata de mulher
jovem e honesta [...]”
(HAWTHORNE, 1850 [2011], p. 77).

No *Enunciado 3*, observamos a construção de sentidos que é expressa nas palavras: *Nossos juizes* e *Mulher jovem*, como também na valorização da palavra: *Honesta*. Segundo Aristóteles (2013), a retórica também está relacionada com o ato de julgar. Sendo assim, podemos perceber a dinamicidade entre os juizes, a mulher e a honestidade, como elemento constitutivo do caráter; ou seja, o produto que, nesse contexto, é uma construção valorativa da honra.

A concepção de honra, no contexto do romance, remete ao que Aristóteles (2013) postulou como elementos do caráter. A honra atribuída à personagem feminina também faz parte da sua construção discursivo-subjetiva. Desse modo, pela comunhão teórica entre a FLCB e a Retórica de Aristóteles, podemos presumir e formular que a honra é um princípio de conduta do sujeito, o qual age de acordo com as virtudes dos valores sociais.

Ao atentarmos para o horizonte histórico puritano, segundo a obra de Hawthorne, deparamo-nos com um período de patriarcado, no qual os indivíduos responsáveis pela regência da comunidade comandavam as leis de políticas sociais. Sendo assim, como a esfera política se fundia com a religiosa, os costumes e os dogmas eram praticamente os mesmos. Portanto, cabia ao cidadão da determinada comunidade executá-los, para que não fosse excluído do convívio social.

Partindo desse ponto de vista, levando em consideração a austeridade daquele lugar, percebemos como se dá construção discursiva da mulher honrada, a partir, de como postulou Volochínov (2013), do apoio coral de elementos ideológicos, culturais e religiosos, ou seja, os da fé puritana e seus dogmas. A julgar pela obra, as mulheres, mesmo que na flor da idade, com os desejos que a juventude traz, tinham que firmar-se nos pilares da fé puritana, cumprindo o que Aristóteles (2013) atribuiu a um valor da virtude e da nobreza. Sendo assim, ainda conforme Aristóteles (2013), cumprindo um coral de apoio valorativo da virtude e da nobreza – coragem, moderação, prudência, a mulher honrada deveria negar-se a si mesma para que seus desejos carnis não pudessem interferir no seu caráter e na sua honra.

Decerto, imagem da mulher honrada se dava pelo modo de suas ações diante do social. A julgarmos pelo olhar de Aristóteles (2013), ao interpretar a obra de Hawthorne,

observamos que a mulher deveria ser benevolente, uma característica da honra. Tal elemento apresentava a mulher como um ser empático, piedoso e com o olhar sempre para o outro. A importância desse perfil é exatamente a avaliação dos juizes, que, por sua vez, era a determinação coercitiva que construía os valores do sujeito mediante os seus discursos.

Ao termos apresentado um recorte do nosso ponto de vista analítico quanto às valorações discursivas do etos da mulher, a seguir, discorreremos sobre a construção dos elementos afetivos que Aristóteles (2013) denomina como as paixões (elementos do patos). Para o filósofo em questão, esses elementos constituem a representação discursiva do ser humano, a partir de seus desejos e sentimentos (ARISTÓTELES, 2013). Ademais, apresentaremos a construção da imagem afetiva da mulher casada, de acordo com os fatores socioideológicos que a envolvem no seio da sociedade puritana.

Conforme a obra, inserida em um contexto majoritariamente puritano, uma mulher jovem e casada devia seguir um padrão preestabelecido pela comunidade. A partir disso, podemos perceber uma sequência de premissas na composição das paixões da mulher casada submissa, fiel e honrada. Na composição discursiva dessa mulher, refletem-se alguns sentimentos que, de acordo com Aristóteles (2013), entre eles, estão o amor, o medo, o pudor e a compaixão.

Na obra de Hawthorne, pudemos enxergar o *amor*, a partir do relacionamento que a mulher tem não com o marido, mas com o pastor a quem amava. Mediante isso, observamos que a quebra do pacto matrimonial da personagem se dá pelo surgimento da construção de um novo discurso persuasivo; ou seja, o do pastor, que trabalhou de acordo com a atitude responsiva da personagem. No trecho a seguir, observamos o enunciado que remete ao sentimento de amor dos personagens: “*Arthur Dimmesdale encarou Hester com uma expressão na qual brilhavam esperança e alegria*”. A partir desse ponto de vista, constatamos a influência que o discurso tem para com o outro, o qual sendo aceito pela mulher, induz de maneira eficaz as intenções do pastor.

Por esse plano discursivo, observamos que o medo faz com que a personagem avalie primeiramente o enunciado que lhe foi direcionado e, dessa forma, cada aspecto é ponderado antes da sua resposta. Mas, se o sujeito usar da persuasão e, desse modo, estabelecer comoção, alcançará seu propósito que, no caso, foi o que aconteceu com Hester e Arthur Dimmesdale.

Levando em consideração o pudor, na construção discursiva da imagem da mulher casada, atentamo-nos para as causas da vergonha. Assim, ao considerarmos os

interlocutores da personagem, notamos que esses são representados por toda a comunidade puritana, homens, mulheres e crianças, para testemunharem em favor de Hester em seu julgamento – o momento da vergonha.

O fragmento, a seguir, reflete o enunciado pelo qual as matronas da comunidade discutem a respeito de quem deveria tomar as rédeas do julgamento de Hester, a saber, *“Essa mulher lançou a vergonha sobre todas nós e deve morrer”*. Os valores expostos nesse enunciado refletem a personagem como uma figura indesejável para o convívio social, visto que seu ato proporcionava repúdio nas demais mulheres ali presentes. Dessa forma, a falta de pudor de um ato falho causava, nessas mulheres, um misto de raiva e desprezo, assim, às instigando o desejo da morte da personagem.

Por outro lado, em meio à comunhão valorativa de elementos afetivos, como vemos pela ótica de Volochínov (2013), observamos a construção discursiva da compaixão através do enunciado sensível de uma daquelas mulheres que ali estavam. A saber, *“Calma, vizinhas, calma!”*, sussurrou a mais jovem. *“Não a deixem ouvir o que dizem! Ela já sentiu cada ponto daquele emblema dourado no próprio coração”*. Dessa maneira, a composição da personagem, no que diz respeito a seus sentimentos, interferiu, de maneira compassiva, em sua atitude responsiva para com Hester. Ou seja, apesar de essa valoração ser constituída naquele mesmo ambiente, sua percepção dos fatos foi diferente das demais. Sua capacidade de avaliar o sofrimento do outro despertou nela a empatia, aquilo que Aristóteles (2013) chamou de grandeza de alma, isto é, sentimento o qual foi responsável pela mudança no seu discurso.

De modo geral, podemos ver a construção de alteridade daquelas mulheres ao discursarem sobre o dado fato. Deste modo, notamos que a mulher jovem espera a aprovação unânime das outras mulheres; ou seja, o apoio dos interlocutores, que constituem as vozes que, como postulou Volochínov (2013), formam o coral de apoio naquele contexto; isto é, uma interdepende da outra, mesmo que isso não seja explícito no momento da interlocução, mas a identidade socioideológica, cultural, política e religiosa de cada uma instiga essa percepção que acaba por influenciar em seus diálogos.

O etos e o patos da mulher pecadora no romance

Na obra de Hawthorne, para a comunidade puritana, o ato de pecar está relacionado com o de cometer algo que inflige às leis divinas, como também algo que promove a vergonha e o desconforto entre a população. Assim, quanto aos fatores de

consequência, as regras instituíam que se a mulher cometesse algo que para as leis de uma determinada esfera fosse ilegal, a mesma devia cumprir uma pena para se redimir de seus erros. Portanto, o pecado representa algo que separa o homem de Deus e, para a comunidade religiosa do romance, tal prática determinava que o indivíduo estivesse fora dos padrões de convivência e, desse modo, persistisse em suas más ações.

Vejamos o Enunciado 4:

Enunciado 4

“[...] “Tenho pensado na morte”, disse a jovem, “desejado morrer”. Teria até rezado por isso se alguém como eu pudesse rezar por alguma coisa. [...]”.
(HAWTHORNE, 1850 [2011], p.87).

No contexto do *Enunciado 4*, percebemos, no discurso da personagem, a exposição de seus pensamentos a respeito da morte. No entanto, também é mencionado seu desejo de morrer e sua impossibilidade de rezar pelo peso do pecado que carrega consigo. Sendo assim, no enunciado, se constrói a valoração que constitui a imagem de Hester como uma mulher pecadora; tal valoração é instituída pela esfera da religião que, também, a condena e a pune.

De acordo com Aristóteles (2013, p. 122), “o meio de estabelecer a própria virtude é o mesmo para estabelecer a virtude de outrem”. Partindo desse entendimento, podemos perceber que é através da culpa que se constrói o desejo de morte na personagem. O discurso dos interlocutores também contribui para os anseios de Hester. No entanto, mesmo que os interlocutores se mostrem positivos em relação à punição, Hester busca seus valores perante os seus costumes religiosos, ponderando também que seria mais um pecado pensar ou desejar morrer. Todavia, ela não foi sucumbida pela culpa, os desejos de morte da personagem vieram da pressão da comunidade pela justiça que, nesse caso, não queria que o mau exemplo deixado por Hester fosse repetido por ninguém.

A disposição de espírito, segundo Aristóteles (2013), proporciona curso à vida. Assim, é por meio do modo de avaliação persuasiva que se instalam as valorações emotivas da paixão humana na produção de pontos de vista do caráter dos sujeitos. Dessa forma, ao observar o discurso de Hester, percebemos a refração da resiliência como apoio em meio à punição, virtude que traz a ela um novo começo. Sendo assim, esse modo

argumentativo pela persuasão constrói a imagem da mulher através dos valores que ela carrega ao longo da vida.

Vejam os Enunciado 5:

Enunciado 5

“[...] Mas Hester Prynne, sendo a prostituta sem-vergonha que é, pouco se importará com o que lhe vai gravado sobre o peitoral da túnica! [...]”
(HAWTHORNE, 1850 [2011], p.65).

Em relação à construção do etos da personagem, o *Enunciado 5* aponta para a valoração da mulher adúltera. O quadro apresenta o diálogo de uma das matronas da comunidade puritana, no qual ela indigna-se ao perceber a postura branda de Hester perante todos. A matrona também sugere, no diálogo, que o pecado tirou todo o pudor da personagem. Dessa forma, ela explica a postura fria de Hester, como se ela não se importasse com o pecado que cometeu.

A partir do sentido do *Enunciado 5*, podemos compreender os modos de criação discursiva histórico-ideológica da mulher adúltera. A personagem feminina, no contexto histórico, em geral, usando um termo de Aristóteles (2013), é caracterizada por seus vícios, uma valoração que a posiciona em um padrão social de degradação. Essa ideia está revestida por um valor cultural-religioso que sujeitava a mulher a pertencer unicamente ao seu marido, regra que não se aplicava ao público masculino.

A coletividade censurou e retratou, discursivamente, a personagem como *prostituta sem-vergonha*, ao saber que ela, sendo casada, se apaixonou por outro homem e engravidou dele. Para o contexto histórico da época, tal pecado era digno de morte, pois a mulher que desobedecesse às leis da cidade deveria pagar por seu ato de desrespeito. Dessa forma, no caso de Hester, o apoio coletivo não era favorável a ela, por causa da construção ideológica de pecadora; pois, tendo ela cometido adultério, não era digna de estar entre as mulheres ditas *virtuosas*, visto que sua honra estava manchada.

Partindo desse ponto de vista, mesmo que rejeitada pela comunidade, a construção discursiva do caráter da personagem é instaurada pelo que Aristóteles (2013) chama de benevolência. Dessa forma, o ato de enxergar o outro, de ser generoso, fez com que a personagem transcendesse diante da situação adversa. É desse modo que a mulher, figura principal, era tratada de maneira diferente, com mais rigor em relação ao seu comportamento, como também conforme a constituição do seu caráter na sociedade.

A última constatação sobre a imagem da mulher pecadora se estabelece no Enunciado 6, que, por sua vez, compreende a construção do etos da mulher condenada. Veja:

Enunciado 6

“[...] A infeliz condenada mantinha-se no limite da contenção possível a qualquer mulher que se encontrasse sob o peso implacável de mil olhos, todos pregados nela e fixos ao que trazia no peito [...]”.
(HAWTHORNE, 1850 [2011], p.71).

O *Enunciado 6* reflete a construção discursiva do caráter da mulher condenada. No caso das expressões *infeliz condenada* e no *limite da contenção*, compreendemos que a personagem, como alvo principal do castigo, ou seja, do afastamento do convívio social contínuo, perde a aceitação e a falta de interação com o meio. E por último, através da expressão *peso implacável de mil olhos*, entendemos a construção da imagem da mulher pela ótica da verdadeira vergonha, da culpa pelo pecado e da punição maior, o julgamento alheio.

Observamos que, a partir do tempo e do lugar em que o romance acontece, mais precisamente, na cidade de Salem do século XVII, a história é marcada pelo grande banho de sangue de mulheres que eram denominadas bruxas e condenadas a diversas formas de punição. No caso da construção da imagem de Hester no romance, sua pena foi branda devido aos apelos persuasivos do pastor, que discursou em seu favor perante os magistrados. De maneira particular, no discurso persuasivo do pastor em favor da ré, ele se utilizou de argumentos afetivos, o que sensibilizou os juízes; visto que ele mencionou a maternidade de Hester e isso fez com que os avaliadores/julgadores, como também outros da comunidade, apesar de tamanho pecado, sentissem compaixão dela.

Nesse caso, as vozes orquestradas na construção da imagem de Hester apontam para a construção discursiva do declínio dos valores morais da personagem. Assim, os elementos ideológicos que indicam essa constituição refletem a insistência do auditório em condenar e renegar. A partir daí, cria-se uma barreira entre valorações de bom/mau e certo/errado. A refração da opressão é tida como um fator relevante para o afastamento da personagem, pois, ao deparar com tantos olhares, Hester prefere viver afastada a ter que se submeter a julgamentos e a tratamentos maldosos.

Dito isso, daremos seguimento ao que diz respeito à construção das paixões da mulher pecadora, ou patos da mulher pecadora. Destarte, a construção enunciativa que

reflete os sentimentos da personagem é perpassada pelos discursos da comunidade que a repudiavam. No entanto, a construção discursiva da personalidade de Hester, além de absolver todos os discursos de julgamento e aceitar a criação imagética de mulher vulgar, cria uma espécie de escape; ou seja, um tipo de consolo ao entender os insultos e a repulsa da comunidade como parte da punição divina. De certa forma, tal pensamento trazia, a ela, uma paz de espírito.

No processo de construção do *patos da mulher no romance*, podemos observar como a imagem de Hester é constituída discursivamente, hierarquicamente, patriarcalmente e ordenadamente dentro da esfera social puritana, pois os costumes femininos eram praticamente os mesmos. Seu dizer, na maioria das vezes, não era considerado relevante pelos governantes. Dessa maneira, de acordo com o fragmento: “Ela sentia, em alguns momentos, a necessidade de gritar com toda a força e jogar-se de cima daquele cadafalso, ou enlouqueceria de vez”, compreendemos os efeitos pelo qual ela se sentia culpada. De fato, percebemos que, em alguns momentos, a personagem sentia a necessidade de extravasar sua culpa, de modo que aquele ato permitisse a ela uma forma de liberdade. Nesse caso, a atitude responsivo-negativa da comunidade reafirmava e fazia com que a personagem, mesmo que por alguns momentos, sentisse esgotamento emocional a ponto de querer desistir de sua sanidade.

De acordo com a FLCB, em diálogo com a Retórica de Aristóteles, o discurso da personagem é o que constrói sua própria imagem diante do auditório. Porém, não podemos nos esquecer de que são os elementos ideológicos que, por sua vez, fazem parte dessa constituição. Atentemo-nos para a expressão a seguir: “*A mulher se comporta como que possuída; e faltou pouco para que eu cuidasse de arrancar-lhe satanás do corpo a chibatadas*”. Observe que, nesse fragmento, a construção social da personagem é dotada de valorações axiológicas que, por sua vez, refletem e refratam a fé puritana, de forma explícita. As tradições religiosas e políticas para a punição de pecado de adultério eram severas e, portanto, irrevogáveis.

Ao levar em consideração o fragmento, em se tratando da construção das paixões da personagem, podemos observar que, através do discurso do carcereiro, a mulher encontrava-se totalmente perturbada com o julgamento da comunidade, que provocou, no carcereiro, o desejo de exorcizá-la até que se acalmasse aquela agitação. Dessa maneira, Hester sentiu que a aceitação de seu castigo era o melhor para ela, pois o medo de uma tentativa de rebelião a fez repensar em suas atitudes.

Assim sendo, o misto de sentimentos que a envolviam despertou nela o que Aristóteles (2013) chamou de amor. Nesse caso, o laço afetivo que surgiu através de sua filha recém-nascida a fez perceber e reafirmar os mandamentos divinos que faziam parte de sua essência, os quais falavam sobre o perdão e sobre o amor ao próximo. Dessa forma, a resposta da personagem foi contrastante aos discursos negativos da comunidade. Ao invés de revolta e cólera, sua atitude foi louvável.

A comunidade não aceitava a atitude da personagem e isso a confrontava de forma tal que se impuseram ainda mais contra ela. Tal sentimento construído pela comunidade refletia-se na personagem como uma espécie de afronta, pois, apesar de o adultério ser um pecado com uma pena mais severa, sua punição foi aliviada através da construção do discurso persuasivo do pastor em favor de Hester.

Mesmo condenada e renegada, no fragmento, a seguir, observamos a construção da força da personagem em relação com o sentimento de exclusão: “*Hester sentia-se forte para enfrentar os golpes e venenosas estocadas do público*”. Partindo desse fragmento, percebemos que a construção axiológica no discurso da comunidade seguia os padrões estabelecidos rigorosamente e que a cultura era um elemento bastante influente no contexto. Por outro lado, atentamo-nos para a personagem, pois, mesmo sendo criada de acordo com os mesmos costumes que a comunidade, reagiu de maneira diferente em relação à atitude da comunidade.

Considerações finais

Neste trabalho, investigamos a construção discursiva do etos e do patos da personagem Hester Prynne, no romance *A Letra Escarlata*, sob as perspectivas da Retórica de Aristóteles e da FLCB. Procuramos entender, através do contexto histórico, ideológico e cultural, os aspectos que contribuíram, de forma significativa, para a construção da imagem da personagem enquanto mulher em uma esfera religiosa patriarcal.

Partindo desse ponto de vista, identificamos como o meio social contribuiu para essa construção ideológica da mulher no romance. A princípio, a figura da mulher casada reflete, de acordo com o contexto daquela época, um ser que foi feito apenas para auxiliar o homem. Dentre esses índices de valores, destacam-se as expressões: anjo do lar, procriadora, submissa, fiel, honrada, dentre outros que são características fundamentais para constituir o etos e o patos da mulher. Dessa forma, através do padrão social

instituído, a mulher, além das qualidades preestabelecidas, deveria ser bela e completa, bem como seguir a fé puritana, o fator de maior importância.

O adultério foi o pecado que fez a comunidade não somente a culpar, mas também a condenar, de forma que a exclusão do convívio social ainda seria, de fato, uma pena branda para ela. No entanto, tal afastamento não influenciou os sentimentos de Hester no que diz respeito aos seus acusadores. À personagem foi concedida, através do discurso de repúdio, uma plena aceitação, visando a tudo aquilo como um tipo de punição divina que ela não devia questionar.

No romance, verificamos que a construção do etos e do patos da personagem Hester Prynne se deu pelas influências socioculturais da época. Portanto, a imagem da mulher foi construída discursivamente de modo gradativo, visto que seus valores e seus sentimentos contrastaram com os dos sujeitos participantes da comunidade, pois o meio social contribuiu, de forma fundamental, no processo constitutivo da personagem, através de cada enunciação valorativa que a envolve e auxilia na constituição do seu eu.

Sendo assim, podemos dizer que a construção da imagem de si contrastou com a construção social. Nesse caso, os efeitos das valorações refletiram na personagem, pois, ao invés de ser discursivizada como uma mulher amarga e indignada, ela foi construída pela imagem da fé e esperança que a fez aceitar o julgamento social como uma forma de punição divina, da qual ela não podia escapar. Desse modo, percebemos, no fio discursivo da trama, que ela se conformou com o fardo que teria que carregar pelo resto da vida, o título de mulher adúltera, pois, tal fardo não modificou seus valores.

De modo geral, a partir Bakhtin (2011), podemos dizer que o ser humano é constituído de pequenos fragmentos dos outros e cada um deles advém das esferas nas quais eles estão inseridos. Ainda conforme Bakhtin (2011), tais esferas constituem a consciência do sujeito de modo particular e, a partir disso, o processo de construção individual acaba sendo realizado pelo preenchimento das vozes sociais. Dessa forma, concluímos que tanto o caráter quanto as paixões de Hester Prynne são constituídos, no fio discursivo do romance, por enunciados que refletem e refratam os costumes da comunidade puritana do século XVII, como também pelo ato cometido por ela, o qual reflete uma construção social, mas não reflete a verdadeira personalidade da personagem em si mesma, ou seja, sua subjetividade.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Retórica**. 1ª ed. Tradução de Edson Bini. São Paulo: EDIPRO, 2013.

BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. **Estética da criação verbal**; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; a introdução e tradução do russo Paulo Bezerra, - 6ª ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. **Problemas na poética de Dostoiévski**; tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra, - 5. ed – Rio de Janeiro; Forense Universitária, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance I: a estilística**. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.

HAWTHORNE, Nathaniel. **A letra escarlate**. São Paulo, Penguin Classics, Companhia das Letras, 2011.

VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaevich. **A construção da Enunciação e Outros ensaios**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013. 273p.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova; ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.

Submetido em: 27 de fevereiro de 2022

Aprovado em: 30 de dezembro de 2022

Como referenciar este artigo:

FERREIRA, Hacmone Barbosa. OLIVEIRA, Antonio Flávio Ferreira de. O ETOS E O PATOS DA MULHER NO ROMANCE A *LETRA ESCARLATE*: UM OLHAR PELA FILOSOFIA DA LINGUAGEM DO CÍRCULO DE BAKHTIN E PELA RETÓRICA DE ARISTÓTELES. revista *Linguasagem*, São Carlos, v.42, n.1. 2022 p. 270-288.